

SISTEMATIZAÇÃO E CONTRIBUIÇÕES DA OBRA “PEDAGOGIA DO BOM SENSO” DE CÉLESTIN FREINET PARA O ENSINO DA GEOGRAFIA ESCOLAR

Ian Moura Martins¹
Maria Janailde Caldas²
Teresa Cantanhede Borges³
Igor Bergamo Anjos Gomes⁴

RESUMO

A educação escolar deve ser em sua essência: dinâmica, instigadora e igualitária, mas para a construção dessa prática, faz-se necessário alguns apontamentos reflexivos, porém, esse processo pode-se tornar um desafio para qualquer docente ou profissional dedicado à área educacional. E com a disciplina de Geografia não deve ser diferente, pois é necessário que os profissionais da educação pensem constantemente em novos caminhos que facilitem o processo de ensino-aprendizagem. Sobre essa perspectiva, a obra “Pedagogia do Bom Senso” (2004) escrito pelo educador francês Célestin Freinet foi utilizado como referencial teórico para a construção do trabalho, por meio de sua sistematização e contribuições para o ensino de Geografia, haja vista que as ideias apresentadas por este autor, em muito se assemelham com a concepção de um ensino mais humanizada que a Geografia escolar tem ao longo dos últimos anos tem tentado incorporar. Para o delineamento da pesquisa foi feita uma revisão da literatura no afã de propor discussões e reflexões e sobre a obra utilizada. O percurso investigativo permitiu a este trabalho identificar em Freinet, os encaminhamentos de que o educador deve aprender a amar e servir as crianças, e também a segurá-las pela mão nas passagens difíceis, assim como dedicação pela profissão de professor, incentivando os alunos a conquistarem os seus sonhos. Por fim, os professores podem e devem melhorar sua prática docente, abrindo os olhos para um outro contexto, mostrando e demonstrando aos seus alunos que todos são capazes de desenvolver competências e que a educação é o melhor caminho.

Palavras-chave: Ensino-Aprendizagem, Geografia, Prática Docente, Freinet.

1. INTRODUÇÃO

A educação escolar deve ser em sua essência: dinâmica, instigadora e igualitária. Mas para a construção dessa educação, faz-se necessário: analisar as dificuldades educacional; buscar formas de melhorar e de superar algumas barreiras persistentes na escola, seja ela em

¹ Graduando do Curso de Geografia da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, membro do Grupo de Estudo e Pesquisa em Edafologia e Pedologia (GEPEPE) e do Laboratório de Geotecnologias e Análise Espacial (GEOPRO) da UFMA, ianmoura.44@gmail.com;

² Graduanda do Curso de Geografia da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, membro do Laboratório de Geotecnologias e Análise Espacial (GEOPRO) da UFMA, janaildecaldas@hotmail.com;

³ Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Saúde e Ambiente da Universidade Federal do Maranhão, membro do Grupo de Estudo e Pesquisa em Edafologia e Pedologia (GEPEPE), teresacatanede09@gmail.com;

⁴ Professor adjunto do Departamento de Geociências da UFMA, Doutor em Ciências Sociais-UFMA, igorbergamo@bol.com.br.

qualquer nível ou em instituição (privada ou pública); usar metodologias ativas de ensino, transformando as aulas escolares, em aulas que sejam mais interessantes, “chamativas”, perceptivas e que permitem contextualizar e problematizar a realidade dos alunos com o senso crítico. No entanto, esse processo pode-se tornar um desafio para qualquer docente ou profissional dedicado à área educacional.

E com a disciplina de Geografia não deve ser diferente, pois se precisa a todo momento pensar em caminhos que facilitem o processo de ensino-aprendizagem. Sobre essa perspectiva de análise, o livro “Les Dits de Mathieu” ou “Pedagogia do Bom Senso” (em português) escrito pelo professor e educador francês Célestin Freinet (1896-1966), foi utilizado como referencial teórico para a construção do presente trabalho, por meio da sistematização da obra e as contribuições destas para o ensino de Geografia, haja vista que as ideias apresentadas pelo autor em sua obra em muito se assemelham com a concepção de ensino mais humanizado que a Geografia escolar tem feitos movimentos no sentido de incorporar.

A obra “Pedagogia do Bom Senso” é composta por 8 capítulos, e seu texto apresenta analogias ou comparações entre alguns relatos de vida do autor como pastor de ovelhas no sul da França, com a sua concepção de Pedagogia. Freinet propõe em seu livro uma pedagogia que valoriza a simplicidade e as experiências da vida, pois segundo ele, o investigador é sempre aquele que caminha na direção da simplicidade e da vida, ou seja, para criar as bases das pedagogias que se almeja, precisa-se buscá-las na simplicidade da vida, fugindo das considerações intelectuais e vocábulos herméticos, que somente os universitários possuem (FREINET, 2004).

Freinet pontua que a educação não deve ser vista como uma fórmula de escola, mas sim como uma obra de vida; pois também compreende ser possível aprender por meio das experiências e com as práticas do dia a dia, e não somente educação que a escola oferece (FREINET, 2004). Freinet alerta ainda que não cabe a ele dizer como se descobre as leis naturais e universais, que por sua vez, abre depressa, e definitivamente, as Leis do Conhecimento e da Humanidade, mas ele sabe que elas existem, e felizes são aqueles que o possuem (FREINET, 2004).

2. METODOLOGIA

O processo de construção do presente trabalho partiu de uma revisão da literatura que segundo Alves-Mazzotti (2002), permitiu a configuração de uma contextualização do

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

problema e a análise das possibilidades presentes na literatura consultada para a concepção do referencial teórico da pesquisa. Com base nessa ideia, a pesquisa foi ancorada na obra “Pedagogia do Bom Senso” de Celestin Freinet por meio da sistematização de três capítulos chaves: 1, 5 e 7, que por sua vez, foram considerados mais relevantes na compreensão das contribuições da obra para o ensino-aprendizagem da disciplina de Geografia, por meio da leitura, discussões e reflexões e análise entre os pesquisadores.

Apesar das ideias de Freinet antecederem as de Paulo Freire, elas em muito se aproximam das propostas do pedagogo brasileiro, pois visam por meio do contexto do entorno dos alunos construir o conhecimento de maneira recíproca, sendo assim uma pedagogia capaz de dialogar com o contexto da educação básica brasileira e mais especificamente o ensino da Geografia enquanto disciplinar escolar.

2.1 Quem era Célestin Freinet?

Celéstin Freinet nasceu em 15 de outubro de 1896, em Gars, povoado na região da Provença (sul da França). Começou a lecionar em 1920 na aldeia de Bar-sur-Loup, onde pôs em prática alguns de seus principais experimentos pedagógicos. Freinet foi um crítico da escola tradicional (ensino era focado no professor como detentor do conhecimento) e das escolas novas, sendo o criador do movimento da escola moderna, que por sua vez, tinha como objetivo básico desenvolver uma escola popular, considerando a criança como o centro da educação, pois a educação começa desde o nascimento da criança (SÓ PEDAGOGIA, 2019).

Durante a sua trajetória profissional e social, Freinet desenvolveu diversas técnicas educacionais, tais como: texto livre, livro da vida, imprensa escolar, aula de campo – passeio (técnica que inclusive é muito utilizado pela Geografia), organização cooperativa, fichário entre outros. Além da obra “Pedagogia do Bom Senso”, Freinet também escreveu os seguintes livros: “Para uma escola do povo”, “A educação do trabalho”, “Ensaio de Psicologia sensível”. Infelizmente, Freinet veio a óbito em 1966, por inalação de gases tóxicos dos campos de batalha (Primeira e Segunda Guerra Mundial) afetando seus pulmões para o resto da vida. Mas, o seu legado e as suas contribuições pedagógicas são impescidíveis para os dias atuais(SÓ PEDAGOGIA, 2019).

2.2 Uma breve discussão sobre Ensino da Geografia no contexto brasileiro

Para compreender a Geografia escolar, faz-se necessário conceituar primeiro o campo de estudo do qual esta disciplina faz parte. Cabe ainda ressaltar que no processo de construção do conhecimento geográfico, têm-se conceituações diferentes ou mesmo complementares. De acordo com Manfio; Balssan (2014, p. 68), a Geografia é uma:

“Ciência que estuda a superfície terrestre e a distribuição espacial de fenômenos, assim como, a relação recíproca entre o homem e o meio ambiente. Sendo uma ciência capaz de abordar o cotidiano vivenciado pelos alunos, através das noções de lugar, região, paisagem entre outras”.

A Geografia é uma ciência que se dedica a pesquisar a relação recíproca ou não entre a sociedade e a natureza ou entre o homem e o meio em que ele habita, sendo, pois, um campo de estudo amplo e diversificado. Porém, quando se analisa o pragmatismo desta ciência, alguns escritores e estudiosos fizeram críticas diretas sobre a Geografia, entre eles o escritor Yves Lacoste que em seu livro: “A Geografia: isso serve, em primeiro lugar para a fazer guerra⁵”, diz que:

“Todo mundo acredita que a geografia não passa de uma disciplina escolar e universitária, cuja função seria a de fornecer elementos de uma descrição do mundo, numa certa concepção "desinteressada" da cultura dita geral, [...]. Uma disciplina maçante, mas antes de tudo simplória, pois, como qualquer um sabe, “em geografia nada há para entender, mas é preciso ter memória (1993, p. 9)”.

Para o autor existem duas Geografias: a primeira era a Geografia dos militares que era estratégica para o Estado Maior; e a Geografia dos professores que servia somente para ser memorizada. Em relação a essa crítica a Geografia, Archela (2008) acrescenta dizendo que “a crítica ao ensino de Geografia baseado na memorização já é, pelo menos, quase centenária”. Como apontou Marques (2008), por volta da década de 1970, intensificam-se os movimentos sociais para que se restabeleça a democracia no País. Nesse período também aumentam de forma extraordinária as discussões relacionadas à educação de forma geral e especificamente com relação à Geografia. Porém, é perceptível que essas transformações se realizaram de forma descontraída nos campos acadêmico e escolar. As discussões realizadas nesse processo iniciaram-se nos espaços acadêmicos:

⁵ LACOSTE, Yves. **A Geografia: isso serve, em primeiro lugar para a fazer guerra**. Trad. Maria Cecília França. -3 ed.- Campinas, SP: Papirus, 1993.

“Nas universidades públicas brasileiras (com o materialismo histórico como método de investigação da realidade), trouxeram a discussão da necessidade de uma visão crítica e contribuidora do e para o processo de ensino-aprendizagem [...] os licenciados das universidades públicas e os professores que acompanhavam os vários eventos da Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB) participaram dos debates, e uma importante produção geográfica sobre o ensino foi colocada à disposição dos professores de Geografia (ARCHELA, 2008, p. 5).

A partir das discussões iniciadas no ambiente universitário a Geografia passou a ser percebida não somente por um ângulo natural e de caráter positivista, as relações sociais e a necessidade de uma visão crítica e contribuidora do e para o processo de ensino-aprendizagem, passaram a ser inseridas nas pesquisas e análise da disciplina supracitada.

Segundo o entendimento de Gonçalves (2010) a Geografia Escolar é entendida como tudo o que é produzido para, por e no ambiente da escola e da disciplina Geografia, observando que, de forma alguma, ela deve ser indissociável dos outros espaços de formação, sendo, pois, um lugar de convergência tensa e criativa de visões produzidas pelas mais diversas instâncias culturais. A Geografia enquanto disciplina não deve se prender meramente a fatores de ordens naturais, mas deve contextualizar o meio de estudo levando em consideração os fatores culturais, sociais, econômicos, entre outros.

Ressalta-se, que a Geografia escolar do Brasil teve influência francesa (inclusive os primeiros professores a ministrar essa disciplina eram de origem francesa), pois foi na França que a Geografia foi “institucionalizada” como campo do saber científico. Porém, ela passou a ser “ensinada”, simplesmente como uma disciplina de caráter decorativo, maçante e desinteressante; aliado a uma prática metodológica de ensino “não compatível com a realidade presente” utilizada por determinados professores, alguns alunos acabavam não despertando interesse em aprender a respectiva disciplina, pois se tornava difícil para alguns e “entediantes” para outros. Esse mesmo processo também foi vivenciado no espaço acadêmico, sendo as aulas ministradas por advogados, engenheiros, seminaristas, etc. "Era uma disciplina enumerativa, que exigia memorização. A Geografia científica era de influência francesa, e seu objeto era a relação homem-natureza, na perspectiva da paisagem, não priorizando as relações sociais" (ARCHELA, 2008, p. 3).

Infelizmente essa realidade ainda é recorrente no contexto presente da disciplina, sendo trabalhada com características enciclopédicas, com ênfase em estudos descritivos, em que o professor é transmissor e o aluno receptor desse conhecimento. Porém, ao longo dos anos, a Geografia escolar e alguns professores desta disciplina, vem buscando usar e criar metodologias ativas de ensino que subsidiem o processo de ensino-aprendizagem.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

No capítulo intitulado “Uma Pedagogia de Bom Senso”, Freinet inicia falando que se procura bem longe os elementos da base da pedagogia que se busca, recorrendo aos vocábulos utilizados pelos universitários, e tradicionalmente a autores, como: Rabelais, Montaigne e J. J. Rousseau, cuja reputação é, há muito, inatacável. Contudo, ele lança a seguinte reflexão posteriormente a esta afirmativa: “Mas você tem certeza de que a maior parte dessas ideias que os intelectuais julgam ter descoberto não correm desde sempre entre o povo, e de que não foi o erro escolástico que lhes minimizou e deformou a essência, para monopolizá-la e subjugá-la?” (FREINET, 2004, p. 5), ou seja, as ideias que os intelectuais alegam terem “inventado”, foram simplesmente observadas e adaptadas do conhecimento popular (senso comum) e o erro da escola escolástica (corrente de pensamento dominante aplicado nas universidades durante a Idade Média, que tinha objetivo de unir a filosofia racional à fé cristã) foi monopolizar e deformar a essência do conhecimento popular, fazendo com que todos começassem acreditar que estas ideias foram de fato criadas (FREINET, 2004).

Posteriormente, Freinet diz que: “se fôssemos procurar na tradição popular, as práticas milenares do comportamento dos homens na educação dos animais, estaríamos em condições de escrever o mais simples e o mais seguro de todos os tratados de pedagogia”, segundo esta concepção Freinetiana, para encontrar a origem dos grandes princípios educativos, bastaria analisar a maneira como o povo educa e trata os animais, principalmente os pequenos (filhote), (FREINET, 2004, p. 6). No decorrer da obra, é notável as críticas diretas ao método de ensino tradicional, principalmente quando diz que:

“Mas a Escola ri-se da humilde experiência dos pastores! Ela tem os seus imponentes e seculares caminhos, que escritores, sábios, administradores eminentes disseram ser caminhos da verdade: Nada de fraqueza afetiva! Manter a lei! Habituar os alunos a obedecer, mesmo, e, sobretudo, quando a ordem dada contrariar suas tendências e desejos. É assim que se formam — se for preciso com as chibatadas e os cães— as personalidades fortes e as almas bem temperadas” (FREINET, 2004, p. 12).

A Escola Tradicional “desvaloriza” e “despreza” o conhecimento e a experiência popular, neste caso, o conhecimento dos pastores; pois segundo o método tradicional é preferível escolher e usar o conhecimento erudito e que passou por “comprovações científicas” ao conhecimento do senso comum (impreciso). Todavia, o autor vai na contramão deste pensamento, acreditando que o conhecimento popular é de extrema

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

importância para se construir uma pedagogia com a quietude e a humanidade próprias das obras conscientes (FREINET, 2004).

A Geografia de caráter tradicionalista ainda é apresentada de maneira decorativa e fastidiosa. Porém, hoje os professores de Geografia precisam construir e contextualizar o conhecimento de mundo dos seus alunos no conhecimento científico, sem menosprezar os conhecimentos adquiridos durante a trajetória de vida dos alunos.

Sobre isso, é interessante, quando em outra passagem do primeiro capítulo, ele diz o seguinte:

“Se um dia os homens souberem raciocinar sobre a formação dos seus filhos como o bom agricultor raciocina sobre a riqueza do seu pomar, deixarão de seguir os eruditos que, nos seus antros, produzem frutos envenenados que matam ao mesmo tempo quem os produziu e quem os come. Restabelecerão valorosamente o verdadeiro ciclo da educação: escolha da semente, cuidado especial do meio em que o indivíduo mergulhará para sempre as suas raízes poderosas, assimilação, pelo arbusto, da riqueza desse meio” (FREINET, 2004, p. 13).

Freinet (2004) recomenda aos homens a pensarem melhor sobre a educação de seus filhos, aconselhando-os a restabelecer o verdadeiro ciclo da educação, na qual há um cuidado especial com o meio em que as crianças se desenvolveram, pois dependendo deste meio, a criança poderá desenvolver suas raízes em lugar fértil e rico ou o inverso. Além dos fatos mencionados, há também críticas diretas aos pedagogos que utilizam o método tradicional, que fragmentam o conhecimento e recorrem somente ao conhecimento dito como “científico”, pois segundo Freinet (2004, p. 14) “o pedagogo preparara minuciosamente os seus métodos e, segundo dizia, estabelecera cientificamente a escada que permite o acesso aos diversos andares do conhecimento”, ou seja, o pedagogo concebe o conhecimento como uma escada e dividi-lo em degraus, na qual cada indivíduo deve subir um degrau por vez e da maneira que o pedagogo orientar, pois caso contrário, “o pedagogo persegue os indivíduos obstinados em não subir pelos caminhos que considera normais” (FREINET, 2004, p. 14).

Por fim, é possível compreender que para Freinet, que se deve aprender a acariciar, amar e servir as crianças, a segurá-las pela mão nas passagens difíceis, abaixar para elas os galhos que não conseguem alcançar; a nos alegrar ao vê-las satisfeitas, e não habituá-las a obedecer e contrariar as suas ideias, como a Escola tradicional costuma fazer, além do não uso de castigos ou de ameaças, pois nunca será pelo medo que se atinge os objetivos propostos ou os fins (FREINET, 2004).

O capítulo cinco “Nunca Largue as Mãos” convida a pensar inicialmente o autor está se contradizendo, pois no primeiro subtópico que é “Não largue as mãos... antes de apoiar os

pés”, é possível entender que o autor está falando sobre não deixar métodos antigos, de não se substituir uma base antiga sem antes encontrar uma melhor. Premissa que sugere automaticamente o questionamento, “Mas ele não passou todos os outros capítulos incentivando a mudança?”. No entanto, o autor alerta sobre à ideia de se não arriscar sem antes saber para onde se está indo, para isso usa como exemplo didático, o ditado de que se alguém quiser saltar por cima de uma geleira, faça-o somente quando os demais membros do grupo estiverem em segurança (FREINET, 2004). Pois assim quando for pular para o outro lado o educando já terá a certeza de um chão firme e caso pise em falso os que já atravessaram vão segurá-lo.

È instigante como Freinet coloca o leitor como o aventureiro que irá seguindo caminho daqueles que antes já passaram por ali e termina dizendo que o leitor (que no livro ele chama de você como se estivesse em uma conversa íntima), passará pelas dificuldades de enfrentar esse caminho que é novo para o aventureiro sem soltar as mãos e que se caso venha soltar e cair poderá levantar-se e partir novamente (FREINET, 2004).

Vale ressaltar, que o professor irá encontrar dificuldades no caminho que até poderão fazê-lo desistir, mas que ele conseguirá se apoiar e se recuperar na ajuda dos que já conhecem. Mais um pouco a frente, Freinet apresenta um amigo que ele chama por “Adriano” o qual era bom em tudo mesmo sem nunca ter tido alguém para ensiná-lo; ele compara o Adriano aos alunos raros que como ele são os que sem precisar de ajuda já conseguem se desenvolver (os autodidatas). Todavia, adverte que esses exemplos podem acabar impulsionando os outros a querer aprender também, mas como um perigo de acabarem se tornando cópias, pela tendência a dizer “É tão fácil, faça com eu” (FREINET, 2004, p. 49).

È possível identificar que o autor fala sobre tomar a frente do pelotão, e retoma novamente o personagem Adriano como exemplo para permitir uma melhor compreensão, onde muitos professores colocam apenas um aluno como o destaque da turma, o inteligente e aplicado, pelo fato dele seguir as normas que você, o pedagogo fez. E se esquece de que há outros alunos com outras características que às vezes alguns deles à sua maneira e durante alguns instantes se colocam como destaque. Freinet indica de que cada um dos alunos pode em algum momento tomar a frente do pelotão, e assim seria possível descobrir que na sala há autores, poetas, desenhistas e afins, ou seja, permitiria pavimentar caminhos e possibilidades diferentes para cada um (FREINET, 2004).

Contundo, não se pode deixar também de destacar outros tópicos que também são interessantes de serem abordados, entre eles: “Educar ou domesticar”, no qual Freinet aborda acerca da emancipação que a criança deve ter em relação à sua educação, deixando de

adaptar-se ao “padrão” e aprender a viver com ele, de forma harmônica e construtiva, explorando o máximo da criatividade, sensibilidade, do contato com a natureza e da habilidade de expor suas opiniões. Implicando conhecer e desenvolver suas próprias ferramentas para agir no mundo em direção aos seus objetivos (FREINET, 2004).

O autor novamente faz críticas à educação tradicional que tenta domesticar o ser humano como se fosse um burro ou cabrito que ainda teima a obedecer. Entretanto, “a criança, ainda é nova. Reage como o cabrito. Basta sentir que você quer orientá-la por um determinado caminho, que o seu movimento natural é escapar em sentido oposto” (FREINET, 2004, p. 55). Apesar disso, os velhos pedagogos observam toda essa trama e se isentam da responsabilidade usando o argumento de que “na vida, nunca se faz o que se quer, que eles aprendam primeiro a obedecer!” (FREINET, 2004, p. 55).

No tópico intitulado de “Que droga de ancinho”, Freinet relata um caso de um rapaz chamado “Ernesto” que retornava ao interior rural onde morava. Na ocasião, o rapaz ao chegar à cidade, se deparou com a vida pacata, onde seus conterrâneos moravam e ceifavam mais uma colheita. Na história, entra em cena um ceifador chamado “Nicolau”, o mesmo chamou Ernesto para ajudá-lo no campo. Recém-chegado e com um sotaque francês requintado, Ernesto ficou na defensiva, com receios daquela atividade e menosprezando com o nariz empinado, até chegar ao ápice de se atrapalhar com um ancinho (instrumento utilizado na agricultura e na jardinagem para coletar materiais como folhas, grama solta etc.) e ao cair, proporcionou risos aos seus compatriotas (FREINET, 2004).

Freinet tentou transmitir com essa história, a valorização e a contemplação da naturalidade, simplicidade, originalidade, autenticidade e da singeleza. Integrando a educação e o saber nas coisas mais simples e familiares da vida. E “mesmo que as julgue extintas, enterradas para sempre num passado morto, você as verá surgir como sem querer, vivas e dinâmicas, pois você as alimentou com sensibilidade e experiência e construiu sobre rocha” (FREINET, 2004, p. 56).

No caso da Geografia, como bem destaca Yasuko; Passini; Malysz (2007), para ensinar e aprender Geografia é necessário estar sempre trabalhando com o espaço que seja concreto, com a prática, para melhor assimilação do conteúdo a da realidade vivida, a disciplina de Geografia assim como as outras disciplinas (História, Matemática, Física entre outros) deve ser trabalhada de modo a correlacionar os conteúdos escolares com a realidade dos discentes. Nessas situações, as aulas de campo ou aulas práticas, podem ser utilizados como método de ensino, pois permitem aos alunos visualizarem e entenderem melhor o

conteúdo que foi ensinado em sala de aula e dar oportunidade de explorar melhor o espaço que vai ser estudado.

No tópico chamado de “A caneta escolar”, existem alguns diálogos que se questionam entre si, sem entrar muito no conteúdo das conversas, as questões sobre o porquê de se usar tal tecnologia ultrapassada ao invés de uma nova e eficiente, remetendo muito ao mau hábito de professores em usar excessivamente instrumentos antigos em aulas ao invés de novos. Entretanto, é bom destacar a importância de se conhecer os instrumentos que de antemão, pois estes podem efetivar a única via de eficácia para se conseguir determinado fim e que essa evolução da ciência por vezes pode ser perigosa (FREINET, 2004).

Como pontou Pontuschka (2002), a Geografia, como disciplina escolar, deve oferecer sua contribuição para que os discentes e docentes enriqueça suas representações sociais e seu conhecimento sobre as múltiplas dimensões da realidade social, natural e histórica, entendendo melhor o mundo em seu processo ininterrupto de transformação. Nesse sentido é importante que o professor não se “prenda” ao espaço físico da sala de aula para trabalhar os conteúdos escolares, mas também deve demonstra-lo fora dela; um método didático que pode ser usado nessas situações, é as aulas de campo ou aulas práticas, que por sua vez, permitem aos alunos visualizarem e entenderem melhor o conteúdo que foi ensinado em sala de aula e dar oportunidade de explorar melhor o espaço que vai ser estudado como, por exemplo, analisar como é o relevo de determinado ponto da cidade, como funciona a sua economia ou sua organização urbana e espacial. Há estudos que comprovam que os alunos aprendem mais quando vão á aulas de campo, vendo de perto a teoria na prática, principalmente quando trabalhamos com “aspectos físicos”, como relevo, hidrografia entre outros (WALLON, 2008).

Além de conhecer a situação dos seus alunos, ele pode incluir em suas aulas os contextos locais destes, por meio de exemplos que sejam gerais (exemplos que abrangem a cidade em si) ou específicos (exemplos que abrangem os bairros, moradias ou conjunto habitacionais). E partir daí, usar esses contextos como objetos de investigação e de análises críticas, para que seus alunos percebam que os conteúdos trabalhados em sala de aula podem sim ser percebidos em suas vivências diárias.

Freinet retrata os “tagarelas”, como aquele indivíduo que se diferencia dos trabalhadores. O tagarela primeiro fala, organiza os sistemas, impõem uma lógica ou uma filosofia para melhorar e ter certa eficiência, caso não siga essas recomendações, você será taxado ao erro. Entretanto, os tagarelas não sabem bem como é ter a prática em determinada teoria. Já os trabalhadores possuem pouca teoria, porém sabem corretamente como seguir e ter eficiência em determinada ação. Esse conhecimento acumulado que o trabalhador constrói ao

longo do tempo, é sinônimo de muito conhecimento prático, que não necessita de grandes teorias, mas de “conselhos práticos ou os gestos esperados, e os sentimentos íntimos que se traduzem por um movimento, um olhar ou um silêncio” (FREINET, 2004, p. 57).

Além disso, o autor descreve acerca da pedagogia praticada com os deficientes mentais e de seu legado deixado para Pedagogia em geral. O autor adverte ainda que o objetivo da prática pedagógica reside “o ensino à medida de cada um, a necessidade do interesse funcional” (FREINET, 2004, p. 57), porém sua narrativa abre um questionamento sobre viabilidade desta pedagogia para dentro do ensino de pessoas sem nenhum tipo de deficiência. Todavia, elenca-se os 3 perigos dessa nova abordagem:

“O primeiro seria a desprezo de indivíduos que de alguma forma não seguem o passo a passo dando o exemplo de que “a pedagogia dos anormais nos ensina a subir prudentemente, degrau por degrau, o caminho da compreensão, da aquisição e da ação. Esquece que há indivíduos aptos a subir a escada de quatro em quatro degraus ou que, de um salto, atingem o cimo” [...]. “O segundo perigo é a valorização do ensino e da experimentação, e também do material didático e dos jogos, onde segundo Freinet seria “uma verdadeira regressão que, sob a capa do progresso, limita os voos e as audácias.” O terceiro perigo é a valorização da necessidade de “observação minuciosa, peça por peça, ponto por ponto” (FREINET, 2004, p. 58).

Isso dá muito bons resultados com educandos os tidos “anormais”, mas despreza totalmente essa outra observação que atua segundo outros processos sintéticos, pelos sentidos e com possibilidades às vezes ainda misteriosas, essa observação que se faz num lampejo, que vê, num piscar de olhos, o que horas de observação dirigida não levariam a descobrir” (FREINET, 2004).

É interessante, que durante a obra, Freinet também retrata crianças que possuem uma capacidade incrível de compreender rapidamente as coisas. No qual o autor retrata em dois exemplos, a “compreensão por iluminação” sendo um raciocínio instantâneo que não necessitava de meios para alcançar um fim. Entretanto, pedagogos não sabiam lidar com a tal iluminação e acabavam por limitar o indivíduo. Por fim, quando surgiam alunos com tais características, eram submetidos para uma observação metódica de um hábito escolástico e não de uma observação por iluminação que pretendia explorar o indivíduo de toda sua diversidade e de sua identidade própria através da individualidade, sem submetê-las a modelos pré-estabelecidos e que as ajuda na formação de sua (FREINET, 2004).

É possível estabelecer uma ponte entre o pensamento de Freinet com a educação inclusiva, entendida aqui como “uma abordagem humanística, democrática, que percebe o sujeito e suas singularidades, tendo como objetivos o crescimento, a satisfação pessoal e a

inserção social de todos” (NETO *et al.*, 2018), ou seja, apesar da complexidade, o ensino deve contemplar as singularidades de cada aluno, e assim como outras ciências a Geografia enquanto disciplina tem o dever de proporcionar uma educação mais democrática onde todas as crianças sejam ensinadas de maneira indistintamente.

Quando Freinet continua relatando que há no meio da educação, caminhos que são aparentemente proibidos para pedagogos ou que são ignorados por pedagogos. O que seria o tal tema proibido? Seria contemplação do aluno livre, aquele que se encontra, se apaixona se desenvolve, se enriquece por sua própria cultura e de outrem. Na qual o aluno “conseguirá, talvez por ilógicos caminhos de contrabando, mas num tempo recorde, com uma segurança e uma plenitude que nos edificarão” (FREINET, 2004, p. 59). Entretanto, é possível observar que esse caminho não é nada fácil, é por isso que talvez, os educadores não andem por essas regiões e caminhem por métodos menos trabalhosos e mais limitadores. No final Freinet cita que “o principal é encontrar esse ardor, essa vida, esse furor de querer, que é bem próprio da natureza do nosso ser. Se o conseguirmos nas nossas classes, todos os problemas acessórios estarão resolvidos” (FREINET, 2004, p. 59).

E além dos fatos mencionados, com o tópico intitulado de “a noção de velocidade”, fica bem indicada a problemática sobre o desrespeito com a velocidade ou tempo aluno em aprender algo, pois cada criança possui seu próprio ritmo de aprendizagem. Deixar o tempo natural do aluno fluir é algo que incomoda talvez os educadores que possuem um pensamento imediatista e não a longo prazo. Garantir a liberdade de tempo para o aluno é essencial para a aprendizagem destes (FREINET, 2004).

No capítulo “Uma Profissão que é Fórmula de Vida”, o autor argumenta que não é necessário um teste especial para se conhecer o valor e o rendimento de um professor. Os pastores (em analogia aos professores), vão adotando suas técnicas com o passar do tempo. Freinet (2004, p. 79) afirma que: “A técnica virá depois, se ainda faltar e, enquanto isso, a solicitude permanente do educador saberá atenuar as insuficiências profissionais”. Algumas vezes têm-se a necessidade de um educador que já não tem gosto pelo trabalho, trocar de cargo, pois este quando exerce a profissão sem prazer transforma-se em um escravo do ganha-pão. Assim, um escravo não pode formar homens livres e ousados, aptos para construir uma sociedade melhor, pelo contrário, forma homens presos e tímidos.

Freinet (2004) argumenta que o educador deve sempre tentar buscar nos alunos a alegria simples que se sente ao seguir fora dos caminhos já muito pisados, ao nos ferir nos espinhos e agarrar aos rochedos de onde se descobrem os profundos horizontes de luz; cultive nelas a embriaguez dos triunfos, sem, no entanto correr o risco de se perder ou extraviar;

mantenha-as em grupos harmoniosos, no seio dos quais possam sentir-se amparadas umas pelas outras e compartilhar a grande força que nos vem das nossas mãos unidas; mobilize-as ao mesmo tempo para fazer avançar cada vez mais os caminhos claros e livres que permitam a audácia renovada das gerações que estão por vir.

O autor destaca ainda, a necessidade de oferecer aos alunos “pães” (tanto para o corpo como para o espírito) e “rosas”. Ao falar pão do corpo o autor refere-se ao alimento propriamente dito, já o pão do espírito trata-se do conhecimento transmitido do professor para o aluno. E, ao falar de rosas o autor refere-se à atenção que o educador deve prestar ao educando (tal atenção se dá pelo pensamento, de promessas, tom de voz e por olhares). Pois os alunos precisam sentir que encontraram, em você e na sua escola, a ressonância de falar com alguém que as escute, de escrever a alguém que as leia ou as compreenda, de produzir alguma coisa de útil e de belo que é a expressão de tudo o que trazem nelas de generoso e superior, ou seja, “A criança precisam de pão e de rosas” (FREINET, 2004, p. 81).

A partir do momento que o professor conhece os seus discentes, ele deve elaborar e traçar planos e utilizar metodologias de ensino ativas que vai abranger a todos; valendo-se da afetividade como uma ferramenta didática que o permite perceber e conhecer as habilidades e competências ou dificuldades dos seus alunos. (WALLON, 2008). Desta forma, é salutar que o professor (principalmente os de Geografia) se importe e conheça a realidade dos seus alunos; como por exemplo, perguntar se o aluno gostou ou se identificou com a aula ministrada; se ele conseguiu fazer alguma associação entre aula e sua vivência; e percebendo que o aluno está passando por “dificuldades” é interessante que o professor além de perguntar, oriente o seu aluno para um profissional (psicólogo, psicopedagogo entre outros) ou dependendo da situação comunique aos seus familiares; obviamente deve ser respeitado o tempo e o espaço de cada aluno.

Conforme acrescenta Santos (2012) a conduta do professor de inserir o cotidiano do aluno na interpretação de fenômenos da Geografia pode ser interpretada como respeito ao aluno, seu ambiente e suas construções anteriores; ou seja, a partir do momento em que o professor conhece a realidade dos seus discentes e faz uma articulação entre o que foi ensinado em sala de aula ao cotidiano destes, o ensino da geografia torna-se mais interativo, fácil e compreensível por ambas as partes.

Entretanto, as “rosas em excesso podem causar reações alérgicas”, ou seja, às vezes os professores devem fazer críticas construtivas para seus alunos, pois elas auxiliam os alunos a buscar a perfeição, ou algo próximo dela. “Você já notou como as crianças, em casa ou na escola, são ajuizadas e fáceis de suportar quando estão totalmente ocupadas numa atividade

que as apaixonam?” (FREINET, 2004, p. 84). A ideia é que os professores proponham atividades mais cativantes que entusiasme a turma. Às vezes, será necessário que o professor se posicione no lugar da criança, para que ambos se percebam enquanto “parceiros” na construção do conhecimento.

Toda essa premissa, convida a reflexão sobre a função que a educação exerce na vida do ser humano e de que forma pode ser conduzida em sociedade. Para ele, existe uma lei natural, ou seja, o processo educacional é algo que acontece independentemente da sua institucionalização em local, a exemplo o ambiente escolar. Desde o simples convívio do homem com animais, ao adaptar este aos mais diferentes tipos de atividade, é considerado por Freinet como um ato de educar, caracterizado como simples, sendo está uma metodologia que pode ser aplicada no ensino das crianças.

Essa metodologia simples e engajadora é um desafio que se coloca aos professores em geral e em particular aos profissionais da Geografia: fazer o aluno manifestar interesse pelas temáticas geográficas buscando interagir com a realidade do aluno e só em seguida estender para uma visão global da temática em estudo. Manifestar no discente o interesse em relação a disciplina e fazê-lo entender a importância da Geografia para sua formação cidadã e profissional (CAVALCANTE, 2010).

Na busca de cumprir este desafio diversos fatores devem ser analisados: tais como entender o funcionamento da escola, um amplo entendimento do processo educacional baseando em leituras críticas e enriquecedoras sobre temas como o ensino de Geografia escolar e currículo (apesar da quantidade de discussões sobre estes, ainda não foram suficientes para preencher as lacunas que interferem diretamente na formação dos alunos). Cavalcante (2010) frisa também a necessidade de os professores adaptarem suas aulas conforme o espaço no qual o aluno está inserido. Logo os conceitos básicos da Geografia devem ser mencionados tais como espaço, lugar, paisagem etc:

[...] “A necessidade de reconhecer as vinculações da espacialidade das crianças, de sua cultura, com o currículo escolar, com os conteúdos das disciplinas, com os conteúdos da Geográfica, com o cotidiano da sala de aula e de todo o espaço escolar. Alguns projetos inovam porque partem do pressuposto de que não basta manter as crianças e os jovens dentro dos muros da escola; é necessário que ali eles possam vivenciar seu processo de identificação, individual e em grupos, e que sejam respeitados nesse processo” (CALVACANTE, 2010, p. 2).

Ao utilizar a metodologia mencionada se vislumbra que o aluno se sente inserido no processo de ensino e não um simples sujeito que precisa ter conhecimento de uma realidade

distinta da qual ele vivencia. Isto foi um dos pontos essenciais na abordagem de Freinet do ensino simples, algo que comparou a uma lei natural.

Essa forma de ensino idealizada por muitos estudiosos além do Freint, infelizmente não é uma realidade vivenciada na maioria das escolas brasileiras. Pois, as políticas educacionais vigentes ainda não discutem planos que interfiram na relação ensino-aprendizagem. A formação profissional dos professores é algo que merece destaque devido a sua eficiência ser questionada quando atribuído por vezes a eles a responsabilidade pelo nível baixo dos indicadores que avaliam a educação. Fato que é considerado incoerente pois os baixos indicadores decorrem de um conjunto de fatores :

“E os maus resultados são frequentemente atribuídos à precariedade do trabalho do professor. Nesse contexto, além de suas próprias demandas de formação contínua e de garantia de salário digno, são inúmeras as demandas colocadas ao professor — em relação à comunidade escolar, ao estabelecido pelas normas vigentes, aos currículos oficiais, à escolha dos livros didáticos. Como se vê, as exigências são muitas, e as condições para cumpri-las não são dadas, precisam ser conquistadas (CAVALCANTE, 2010, p. 2)”.

Contribuindo a este debate Freint afirma que “A educação não é uma fórmula de escola, mas sim uma obra de vida”. Cabendo ser tratada como tal, o que não acontece devido ser tratada pelos órgãos que gerenciam a educação brasileira desenvolver iniciativas “mecânicas” que são generalizantes para um país que tem uma pluralidade cultural e social indiscutível (FREINET, 2004, p. 13).

Sendo assim, é indispensável pensar em todas as partes que compõe este amplo e complexo desafio, pensem em um ensino de qualidade que satisfaça as necessidades humanas. Freint já se reportava a essa questão, “O fruto será o que fizerem dele o solo, a raiz, o ar e a folha”. A metáfora que resume a implicação dos mais diferentes fatores na formação dos alunos. Não cabendo atribuir a inteira responsabilidade somente ao professor. Sabendo-se que envolve a formação cidadã, todas as atitudes devem ser pensadas criteriosamente, pois como afirma Freinet (2004, p. 15):

“A infância não é um saco que temos de encher, mas uma pilha generosamente carregada, cujos fios, cuidadosamente montados, não correm o risco de deixar perder a corrente, uma rede delicada e potente, amplamente distribuída e que penetra nos recantos mais secretos do organismo para dar-lhe vitalidade e harmonia”.

Nesta abordagem, Freint releva mais uma vez, a necessidade do cuidado da simplicidade ao ato de educar, a disciplina de Geografia deve auxiliar muito nesta perspectiva,

devido o seu caráter crítico, social e investigativo que provoca nos alunos, a função de entender a conjuntura econômica, política e social a sua volta, fazendo com que este manifeste habilidade de se (re)pensar socialmente. Ainda localiza a possibilidade de que os professores diversifiquem quanto ao uso de recursos metodológicos durante aulas, podendo ser ministradas em ambientes diferentes da sala de aula, onde os alunos terão a possibilidade de ter contato com os objetos estudados (THIESEN, 2011).

E o contrário também acontece, as novas nuances da Geografia que influenciam nas formas de ensino devido aos novos modelos de interação social, como a Globalização e o advento da Era Digital que modificaram a forma de entendimento do mundo e interação com o espaço. Por esse motivo faz-se necessária novas propostas curriculares “que faça a transposições didático pedagógicas das diferentes áreas de conhecimento científico para a educação escolar” (THIESEN, 2011, p. 86).

Muitos pesquisadores vêm se interessando pelo assunto sobretudo “na segunda metade do século XX”, por formas de tornar o ensino da Geografia mais condizente com a realidade do aluno, assim como Freinet propôs. Para dessa forma cumprir a função do conhecimento geográfico, segundo Thiesen (2011) tem a “função essencial de possibilitar aos sujeitos capacidades de situar-se num mundo em permanente mudança”, (THIESEN, 2011, p. 87). Todavia existem resistências ainda no currículo escolar para efetivação dessa função, as quais são citadas por Thiesen (2011), como se pode analisar no **Quadro 01**:

Quadro 01- Principais obstáculos enfrentados pelo ensino da Geografia

Há pouca exigência cognitiva, de tratamento científico e de atitude reflexiva à disciplina/ciência geográfica.	Á prática pedagógica está relativamente burocratizada/mecanizada.	O conhecimento da ciência geográfica, quando convertido em conhecimento escolar pelo livro didático [...]tornar-se	Obstáculo epistemológico
O conhecimento da ciência geográfica de caráter decorativo.	Há limitações quanto a utilização de ferramentas facilitadoras de processos de aprendizagem.	Há certa dispersão temática sustentada pela tese de que na Geografia tudo se ensina	Dificuldade de diálogo entre professor e aluno

Fonte: Adp. de Thiesen (2011), p. 87.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível compreender em Freinet indicações de como lidar com os alunos, de como incentivá-los e fazer com que sintam vontade ou sede pelo conhecimento. Sua obra problematiza ainda como professores podem na medida do possível diversificar as suas aulas, com atenção as possibilidades constituídas pelos contextos do entorno dos alunos, assegurando que seus alunos que todos são capazes. E, além disso, que no processo de ensino-aprendizagem não se deve incluir somente aqueles alunos que são considerados os mais “inteligentes” e aplicados em sala de aula, mas sim todos, haja vista que a sala de aula se apresenta de maneira heterogênea , pois é composta por alunos que poderão escolher inúmeros caminhos sociais ou profissionais.

As considerações elencadas por este trabalho buscaram promover reflexões e diálogos no campo de metodologias acerca das práticas docentes. Todavia, é relevante enfatizar que diferentemente do que argumentou Freinet, o professor não precisa necessariamente abandonar os recursos tradicionais, e que o novo método, o que inova nem sempre pode ser o melhor, porquê às vezes os velhos recursos são as únicas ferramentas disponíveis ao professor, assim como tem determinados alunos que só apreendem com métodos ditos “tradicionais”. Assim, sob os signos das contribuições pedagógicas de Freinet, é possível apontar para coexistência de muitos caminhos metodológicos que o professor pode ou não utilizar no processo de ensino e aprendizagem, dependendo da situação social da sua comunidade escolar.

REFERÊNCIAS

ALVES-MAZZOTTI, A. J. O método nas ciências sociais. In: ALVES -MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

ARCHELA, R. S.; CALVENTE, M. Del C. M. H. **Ensino de geografia: tecnologias digitais e outras técnicas passo a passo**. Londrina: EDUEL, 2008.

CAVALCANTE, L. S. C. **A GEOGRAFIA E A REALIDADE ESCOLAR CONTEMPORÂNEA: AVANÇOS, CAMINHOS, ALTERNATIVAS**. IN: Anais do I Seminário Nacional: Currículo Em Movimento. Belo Horizonte, 2010.

FREINET, C. **Pedagogia do bom senso**; tradução J. Baptista. 7.ed.—São Paulo: Martins Fontes, 2004.

GONÇALVES, A. R. A Geografia escolar como campo de investigação: história da disciplina e cultura escolar. **Revista Bibliográfica de Geografia y ciências sociais**. Vol. XVI, nº 905, Universidade de Barcelona, 2010.

MANFIO, V.; BALSSAN, J. B.; Geografia Escolar: Práticas Pedagógicas e o Ensino-Aprendizagem do conteúdo de regiões Brasileiras. **Geographia Opportuno Tempore**, Londrina, v. 1, número especial, p. 68-84, jul./dez. 2014. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/Geographia/article/view/20281/15329>. Acesso em: 2 de agos. de 2019.

MARQUES, V. **Reflexões sobre o Ensino de Geografia nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental**. I Simpósio de Pós-Graduação do Estudo de São Paulo (SIMPGEIO-SP), Rio Claro; 2008. Disponível em: www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/2010/Geografia/art_refelxoex_geo.pdf. Acesso em: 09 de jul. de 2019.

NETO, A. de O. S.; ÁVILA, É. G.; SALES, T. R. R., AMORIM, S. S., NUNES, A. K., SANTOS, V. M. Educação inclusiva: uma escola para todos. **Revista Educação Especial**. v. 31, n. 60, 2018, p. 81-92. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5902/1984686X24091>. Acesso em: 09 de jul. de 2019.

PONTUSCHKA, N. N.; PAGANELLI, T. I.; CACETE, N. H. **Para ensinar e aprender geografia**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

PONTUSCHKA, N. N. A geografia: pesquisa e ensino. In: CARLOS, A. F. A. (Org.) **Novos caminhos da Geografia**. São Paulo: Contexto. 2002.

SANTOS, L. P. dos. A relação da Geografia e o conhecimento cotidiano vivido no lugar. **Geografia Ensino & Pesquisa**, vol. 16, n. 3. 2012.

SÓ PEDAGOGIA. **Célestin Freinet**. Virtuosa Tecnologia da Informação, 2008-2019. Disponível em: http://www.pedagogia.com.br/biografia/celestin_freinet.php. Acesso em: 2 de agos. de 2019.

THIESEN, Juarez da Silva. Geografia escolar: dos conceitos essenciais às formas de abordagem no ensino. **Geografia Ensino & Pesquisa**. V. 15, n.1, p. 83-94, jan./abr., 2011. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2010-pdf/7167-3-3-geografia-realidade-escolar-lana-souza/file>. Acesso: 2 de agos. de 2019.

YASUKO, E. P.; PASSINI, R.; MALYSZ, S. T. (Org). **Práticas de ensino da geografia e estágio supervisionado**. São Paulo: Contexto, 2007.

WALLON, H. **Do ato ao pensamento**: ensaio de psicologia comparada. Petrópolis: Vozes, 2008.